



**DIA DOS NAMORADOS Nº 3**

**CAPÍTULOS EXTRAS PELOS OLHOS DE NICK STARK**

**LYNN PAINTER**

**AUTORA DE MELHOR DO QUE NOS FILMES**



**MIL  
VEZES  
AMOR**

**DIA DOS NAMORADOS Nº 3**

**LYNN PAINTER**

Tradução de Alessandra Esteche





Copyright © by Lynn Painter

TÍTULO ORIGINAL

Valentine's Day #3 from Nick's POV

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA

Lázaro Mendes sobre arte de © 2022 Liz Casal e design de Sarah Creech © 2022 by Simon & Schuster, Inc.

PRODUÇÃO DE E-BOOK

Victor Huguet

E-ISBN

978-85-510-1056-3

Edição digital: 2024

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



[intrinseca.com.br](http://intrinseca.com.br)



[@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)



[editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)



[@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)



[@editoraintrinseca](https://www.tiktok.com/@editoraintrinseca)



[intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

# S U M Á R I O

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Confissão nº 1](#)

[Confissão nº 2](#)

[Confissão nº 3](#)

[Confissão nº 4](#)

[Confissão nº 5](#)

[Sobre a autora](#)

# CONFISSÃO N° 1

---

*Tenho um Instagram literário (@starkfiction) com 300 mil seguidores porque gosto de falar sobre livros anonimamente.*

Fiquei obcecado pela Emilie Hornby desde o primeiro dia de aula.

Bem, talvez *obcecado* não seja a palavra certa, mas com certeza me sentia atraído por ela. Alguma coisa naquele sorriso discreto e nas suas anotações separadas por cor fazia com que fosse difícil ignorá-la, ainda mais porque ela tinha aparecido nos meus sonhos duas noites seguidas.

Não foram sonhos eróticos nem nada assim. Em ambos, estávamos a caminho da escola quando a minivan dela batia na traseira da minha caminhonete.

Não me lembrava de mais nada, só da Emilie Hornby batendo na Betty. Estranho, né?

E quando um idiota que não sabia dirigir na neve bateu na traseira da minha caminhonete a caminho da escola... dá para imaginar minha surpresa ao me aproximar da minivan que bateu no meu carro e descobrir que a motorista era ela.

*Minha nossa.*

— Você está bem? — perguntei. — A batida foi feia.

Meus olhos percorreram o corpo da Emilie, procurando qualquer sinal de ferimentos. Senti meu coração martelar no peito.

— Acho que sim — respondeu ela, assentindo.

Eu me afastei para que ela pudesse sair do carro. O cheiro do seu perfume — *posso jurar que reconheceria aquele aroma em qualquer lugar* — me enfeitiçou por uma fração de segundo. Ela desceu e fechou a porta.

— Ah, não... — disse Emilie. — Está saindo fumaça.

Acompanhei o olhar dela até o capô da minivan.

— É melhor a gente se afastar — sugeri.

Fui até a calçada, peguei o celular do bolso e liguei para a polícia. Tentei não ficar encarando enquanto falava com a atendente — a última coisa que queria era que Emilie achasse que eu estava a fim dela —, mas não consegui evitar dar uma olhadinha.

Eu me arrependi na mesma hora.

Porque ninguém se vestia como Emilie.

De algum jeito, ela conseguia pegar uma roupa que parecia saída diretamente do armário de uma contadora — o vestido preto daquele dia não era exceção — e, em vez de combinar com pérolas e um salto de velhinha, usava com botas e meia-calça, e *funcionava*.

Nossa, funcionava perfeitamente.

Ela percebeu que eu estava encarando como se fosse um esquisitão, então sussurrei:

— Você não está com frio com essa roupa?

Ela estava *literalmente* batendo os dentes, mas rebateu:

— Não... Estou ótima.

Fiquei com vontade de rir, porque era óbvio que ela estava mentindo. *Jamais admitiria que errou no modelito, não é mesmo?*, pensei.

— Eles estão a caminho — avisei, guardando o celular.

— Obrigada — respondeu ela. — Para constar, meu nome é Emilie Hornby. A gente faz dupla aula do sr. Bong.

*Ela achava mesmo que eu não a reconhecia?* Eu me esforçava para fingir que Emilie não estava sentada ao meu lado durante a aula, me hipnotizando com sua caligrafia perfeita e seus grampos de cabelo, que garantiam que nenhum fio escapasse de seu rabo de cavalo baixo. Mas era impossível ela achar que eu não a reconheci.

Ou será que era possível?

Semicerrei os olhos.

— É mesmo? — perguntei.

Ela franziu o cenho.

— Sim. Desde o início do ano.

Não sei por que, mas gostei de vê-la irritada com meu fingimento.

— Humm. Tem certeza?

— *Tenho* — resmungou ela, revirando os olhos.

Nossa, como foi difícil não rir.

— Hum... Você está bem? — perguntei.

— Eu. Estou. Ótima — insistiu ela, mas não parecia nada bem.

As sirenes se aproximaram, e então tudo foi de mal a pior. A minivan esquisita pegou fogo, e Emilie foi multada enquanto os bombeiros apagavam o incêndio. Busquei o casaco velho que estava no banco de trás da caminhonete e ofereci a ela, sentindo pena. Para minha surpresa, Emilie aceitou e agradeceu.

Depois que apagaram o fogo e a minivan dela foi guinchada, ofereci a Emilie uma carona até a escola e ela me surpreendeu mais uma vez ao aceitar.

— Muito obrigada pela carona. É muita gentileza — disse ela, com um sorriso falso que me deixou muito incomodado.

Eu não queria a Emilie educada.

— Não é exatamente gentileza — respondi, colocando o carro em primeira marcha e soltando o freio de mão —, na verdade só é prático. Se eu te deixasse ir andando até a escola e você morresse congelada, meu carma ficaria prejudicado. Mas te dar carona para um lugar para onde eu já estou indo, sem qualquer sacrifício da minha parte, na verdade me faz ganhar um carma bom. Só vejo vantagem.

— Que lindo — resmungou ela, baixinho.

Nossa, como eu gostava de provocar a Srta. Certinha.

— É lindo mesmo — concordei, sorrindo.

Ela pigarreou, então comentou:

— Nossa, amo essa música. Metallica é incrível.

Tirei os olhos do trânsito por um instante.

— *Você* gosta do Metallica?

*Até parece, Emilie.* Não sei como, mas eu tinha certeza de que ela estava mentindo.

Em minha visão periférica, percebi que ela assentiu.

— Lógico.

— Então me diga três músicas.

— Não preciso dizer três músicas para provar que gosto do Metallica — retrucou ela, a irritação a fazendo parecer uma irmã caçula aborrecida.

— Acho que você não é tão fã assim, pelo jeito.

— Como assim, não sou fã? — rebateu ela, ofendida. — Como seria possível não gostar de velhos raivosos latindo palavras?

Quis dar risada, mas só ofereci um sorriso.

— Viu só? Sabia que você não gostava de Metallica.

Emilie revirou os olhos mais uma vez, o que me fez rir.

— Você sempre ataca as pessoas quando elas só estão tentando puxar assunto? — questionou Emilie.

Eu estava *adorando* aquele lado dela, a versão agitada e nervosinha da inabalável oradora da turma.

— Não diria que estou te atacando. Só acho que se você vai *puxar assunto* falando de uma banda, devia conhecer a banda em questão.

— Só estava sendo educada... Já ouviu falar?

Rosnei por dentro, mas respondi com a maior calma:

— Não chamaria uma mentira sem sentido de “educação”.

— Fala sério, eu não estava mentindo — discordou ela, balançando a cabeça. — Falei aquilo só para puxar conversa. É o que estranhos fazem quando estão tentando ser simpáticos.

Desviei a atenção da rua por um instante para olhá-la.

— Mas não somos estranhos — argumentei, ainda sorrindo. — Você disse que é minha dupla de laboratório.

— Exatamente!

Foi difícil continuar segurando a risada.

— Então por que disse que somos estranhos?

— Não faço ideia — declarou ela, suspirando e balançando a cabeça.

*E eu não faço ideia de por que estou provocando você.*

Só sabia que era Dia dos Namorados e que eu estava sorrindo, para variar. Tudo isso me deixou muito perplexo, e ainda nem eram oito horas da manhã.

— Espera um pouco... — falei, continuando a provocá-la. — Agora eu sei de onde conheço você. Você não é a garota que...

— Que senta ao seu lado no laboratório de Química? Sim — interrompeu ela, irritada.

— ... engasgou no refeitório?

Emilie arquejou baixinho.

Olhei para ela e percebi que parecia muito frustrada. Eu precisava parar, porque implicar com a garota cuja mera existência me torturava não ajudaria em nada. Mas eu estava me divertindo, e isso era raro.

Sério.

— Eu não engasguei — rebateu ela, pigarreando. — Só ficou preso na minha garganta.

— Essa não é a definição exata de engasgar?

— Não, não é — rebateu ela, parecendo uma professora exasperada. — Engasgar é quando a comida fica presa na traqueia e a pessoa não consegue respirar. Eu conseguia respirar; só que estava com a comida presa no esôfago.

— Tem certeza? — questionei, mordendo os lábios e semicerrando os olhos.

— Óbvio que sim... foi comigo que aconteceu.

Soltei um grunhido desconfiado.

— É que eu nunca ouvi falar disso... não sei se acontece mesmo — comentei.

— Eu *estou dizendo* que aconteceu, então na verdade você sabe, *sim* — retrucou ela, a voz ficando cada vez mais estridente. — Algumas pessoas têm uma doença em que a comida fica presa na garganta. Eu tenho que tomar omeprazol toda manhã para garantir que não vai acontecer de novo. Então é algo que acontece, sim.

Parei em um semáforo fechado e me virei para ela.

— Tem certeza de que é minha dupla de laboratório? — perguntei.

Ela *literalmente* soltou um gemido.

— *É óbvio que sim.*

— Aquela garota é tão quieta... Você parece bem tagarela.

Emilie semicerrou os olhos.

- Não sou tagarela.
- Você parece tagarela demais.
- Bem, fique sabendo que eu não sou.
- Beleza.

Ela passou o resto da viagem em silêncio, o que foi bom. Porque, assim que entrei no estacionamento da escola, lembrei que: a) ela tinha namorado, um idiota que ia de paletó para a escola (fala sério); b) eu não me importava que Emilie tivesse um namorado, já que eu não queria nada com ela; e c) só fiquei mexido na caminhonete porque o perfume dela me intoxicou.

Só isso.

— Obrigada — resmungou ela, mal-humorada, abrindo a porta e saindo do carro.

Não pude deixar de sorrir quando ela tirou o casaco enorme do Eric e o jogou na minha direção.

## CONFISSÃO N° 2

*Nunca participei de uma apresentação de dança. Se eu quisesse parecer um idiota, deixaria crescer um mullet.*

Será que é possível quebrar um dente por apertar a mandíbula com força de mais?

Eu me esforçava para ignorar as memórias trazidas pelo Dia dos Namorados, mas perder um pré-molar parecia uma possibilidade. Conforme avançava pelos corredores da escola, eu via lembretes berrantes por toda parte — pôsteres, balões em formato de coração, cartazes nos armários — daquele mesmo dia no ano anterior.

De ter sido chamado na coordenação, onde meu pai me esperava com notícias terríveis em meio aos corações de papel crepom cor-de-rosa e aos buquês de flores fresquinhas.

Aumentei um pouco o volume dos fones de ouvido, tentando abafar o mundo, mas de repente a vi.

Como assim...?

No corredor silencioso próximo à coordenação — era o caminho que eu sempre fazia para evitar a multidão —, vi Emilie Hornby escondida atrás dos vasos de plantas.

Em geral, eu só a via no laboratório de Química, mas já era a segunda vez naquele dia, e ainda faltavam três aulas até a do sr. Bong.

*Eu devia jogar na loteria, ainda mais depois da coisa do sonho.*

Ela não me viu, então me aproximei de fininho.

— O que está fazendo? — questionei.

Emilie tomou um susto e se virou em minha direção, parecendo uma criança flagrada tentando roubar alguma coisa. Aquela sensação voltou, e foi impossível não sorrir. Em vez de responder, Emilie disparou seu olhar culpado para trás de mim.

— Shh. Saia daqui.

— Hum... Está espionando alguém? — perguntei, apontando para as plantas.

— Não, estou esperando meu namorado — respondeu ela. — Será que você pode...?

Ela parou de falar quando algo chamou sua atenção. Acompanhei seu olhar, e o idiota do namorado dela estava vindo pelo corredor, paquerando Macy Goldman.

Emilie observou os dois atentamente, como se estivesse tentando desvendar as pistas. Ela estava usando aquele brilho labial, o mesmo que sempre passava no laboratório de Química e que eu sabia que tinha cheirinho de baunilha, e por um instante esqueci de focar em qualquer coisa que não fossem seus lábios.

Nossa, como eu amava baunilha.

— Olha, tem certeza de que ele é seu namorado? — sussurrei.

Mas Emilie nem olhou para mim, ficou acompanhando Josh e Macy saírem da escola.

— Esperem! — gritou ela, saltando de trás das plantas.

Em seguida, me puxou pela manga e saiu correndo atrás deles.

*O quê?*

Deixei que Emilie me arrastasse, curioso para ver o que aconteceria. Sentia o braço queimando onde ela me tocava. Continuei correndo mesmo depois de ouvir o sinal tocar, um aviso de que eu estava atrasado para a aula de Matemática.

Joshua Sutton se virou e, em uma fração de segundo, vi de tudo naquela cara de fuinha. Culpa, irritação, surpresa.

— Emmie! — exclamou ele, sorrindo.

Os olhos de Macy alternavam entre mim e Emilie. A garota parecia tão confusa quanto eu.

— É... — começou Emilie, então pigarreou. — Vocês estão indo comprar café?

Era uma pergunta acanhada e mentirosa. Nós quatro sabíamos que não era isso que ela queria saber.

— Pois é — respondeu o namorado babaca. — Você conhece o sr. Carson... Precisa de café todos os dias.

Quis arremessar um objeto na fuça dele, mas, antes que eu pudesse imaginar essa cena, Emilie retrucou:

— Ótimo. Nick e eu estamos doidos por um café e precisamos sair daqui. Podemos ir junto?

*O quê?*

Ela olhou para mim com receio de que eu a entregasse. Josh me encarava, tentando entender minha relação com a namorada dele.

— Lógico — concordou Macy.

O garoto continuou me olhando desconfiado.

— Você sabe que meu carro é pequeno, Emmie — disse Josh. — Tudo bem se você for no meio?

É verdade, o Garoto de Paletó tinha um MG 1959 e devia se achar o Ferris Bueller de *Curtindo a vida adoidado*.

— Aham — respondeu ela.

Todos seguimos até o carro, e Emilie arregalou os olhos para mim, implorando para que eu participasse do que quer que fosse aquilo.

Eu definitivamente não deveria arranjar encrenca faltando aula, e não tinha o menor interesse em me espremer no microcarro do Josh.

Mas, por algum motivo, foi exatamente isso que acabei fazendo.

Eu estava apertado entre a porta e Macy Goldman quando Josh deu a partida. Ele dirigia como se estivesse pilotando um Porsche durante uma corrida. Emilie se encontrava a uma pessoa de distância naquele carro minúsculo, mas quando Josh virou uma esquina com tudo, ela agarrou as costas do banco e tocou no meu ombro sem querer.

Macy estava inclinada para a frente, então pude olhar diretamente para Emilie, que me encarava com os olhos arregalados como se não tivesse ideia do que fazer naquela situação.

Então mexi os lábios, perguntando “Que porcaria é essa?” só para fazê-la sorrir.

Quase consegui arrancar uma risada, deu para ver em seus olhos, mas Emilie mexeu os lábios e respondeu: “Me ajuda, por favor.”

Soltei um suspiro. Não tinha a menor ideia do eu que estava fazendo ali e muito menos de como poderia ajudá-la, mas daria meu melhor.

Ela fez algumas perguntas sobre o café para Josh, e achei difícil de acreditar que eles eram um casal. Eram tão... educados, *nada* espontâneos. Para falar a verdade, eu não acreditava que ela gostasse mesmo dele. Quer dizer, o cara era bonito e inteligente? Sim. Mas parecia desesperado para fazer o mundo inteiro notar seus atributos, o que o tornava patético.

Emilie devia perceber isso, né?

E dava para ver que ele ainda era bem próximo da ex-namorada, o que me parecia um alerta vermelho.

Será que *isso* ela percebia?

— Você não tem aula agora, Macy? — perguntei, olhando para Emilie, torcendo para que ela se tocasse.

Mas a garota só revirou os olhos.

— Estou na turma do sr. Carson com o Josh, então disse a ele que Josh precisava de ajuda para carregar as bebidas.

— Ah, que conveniente — observei, ainda encarando Emilie.

— Mandeí mensagem perguntando se você queria alguma coisa — disse Josh, tentando limpar a própria barra.

— Ah, é... meu celular está desligado — respondeu Emilie.

Fiquei surpreso.

Ela não era do tipo que deixava a bateria do celular acabar. Na verdade, eu apostaria que ela tinha dois carregadores portáteis, um “por precaução” e outro “para emergências”.

— Também sempre esqueço de carregar o meu — comentou Macy.

— Na verdade, derrubei o meu no vaso sanitário — explicou Emilie, ficando vermelha na mesma hora. Deu para *ver* o pânico em seu rosto quando se deu conta do que tinha acabado de falar. — Quer dizer, não num vaso sujo... não estava sujo, sabe?

*Ah, não, não... Emilie, para.*

Mas ela não parou.

Emilie continuou, piscando várias vezes:

— Quer dizer, sim, é óbvio, sei que todos os vasos são sujos, mas não tinha nada nele.

— Minha nossa — comentei, só para que ela parasse de falar.

Emilie olhou para mim, chocada, como se seu mundo inteiro estivesse abalado depois daquela diarreia verbal.

Tive vontade de rir outra vez.

Mas então o Capitão Engomadinho entrou com tudo no estacionamento da Starbucks, colocou os óculos escuros e indagou:

— Beleza, eu sei o que as garotas querem. E você, cara?

Virei o rosto para a janela. *É impossível ficar olhando para esse garoto.*

— Não quero nada, obrigado... cara.

A volta até a escola foi tão constrangedora quanto a ida, com os copos de café e conversas fúteis em meio ao clima pesado, uma tentativa patética de disfarçar o que estava acontecendo.

Que era o fato de Josh estar com as duas garotas.

Quando nos separamos no corredor da escola, eu percebi algo. *Tristeza.* Uma nuvem carregada cobriu o rosto de Emilie enquanto assistia o namorado se afastar com a ex-namorada dele.

— Obrigado por me convidar — falei, na esperança de interromper aqueles pensamentos. — Testemunhar esse nível de constrangimento foi muito divertido.

— Me poupa — respondeu ela, mas seus lábios com brilho de baunilha se curvaram em um sorriso discreto.

— É sério — insisti. Queria ficar ali para sempre, olhando para aquele rosto lindo. Em vez disso, me virei e comecei a me afastar. — Você fez de hoje um dia incrível, Emilie.

## CONFISSÃO N° 3

*Meu nome foi escolhido em homenagem a São Nicolau, o Papai Noel.*

Cheguei cedo ao laboratório de Química, então vi que Emilie estava estressada assim que ela entrou na sala.

Havia algo errado e, embora não fosse problema meu, não gostei nada disso.

Deve ter sido por isso que fiquei encarando Emilie como um idiota em vez de ignorá-la, como sempre fazia. Ela sentou e abriu a mochila.

— Isso foi estranho, né? — perguntei, me referindo ao passeio bizarro até a cafeteria.

Ela revirou os olhos e abriu o livro, me ignorando.

— Uma hora você está me mandando ir embora — comentei. — Depois está me arrastando até a Starbucks do jeito mais constrangedor que já existiu.

Emilie continuou me ignorando. Sem pensar, perguntei baixinho:

— Sabe que ele está traindo você com ela, não sabe?

Não era da minha conta, mas, caramba... Emilie merecia coisa melhor.

— Será que podemos voltar ao tempo em que não conversávamos, por favor? — murmurou ela, folheando as páginas sem olhar para mim.

Coloquei a mão em cima do livro para que ela prestasse atenção em mim.

— Acho que não — respondi. — Porque não somos mais estranhos.

Então ela me encarou, seus olhos verdes passeando pelo meu rosto, tentando entender por que eu estava me intrometendo em sua vida de repente.

*Boa sorte, querida... Eu também não consigo entender.*

— Mas podemos voltar a ser estranhos — rebateu ela, tirando minha mão do livro. — Eu sou tagarela, e você *odeia* isso. E você é mal-humorado, o que *eu* odeio. Então vamos fingir que não nos encontramos hoje de manhã e você pode voltar a não saber quem eu sou.

Foi impossível conter uma risada, já que ela estava muito mal-informada. Pelo jeito, eu era bom em fingir não conhecê-la. Na verdade, eu tinha a sensação de que não conhecia mais ninguém na escola, só ela.

— Me parece impossível — falei, cruzando os braços e curtindo o prazer recém-descoberto de interagir com ela. — Além disso, você não me convidou para comprar café... você me *arrastou*.

O sr. Bong entrou na sala e começou a falar sobre Química, mas aquele professor esquisito não ia me deter.

— Adivinha sobre o que eu li na última aula.

— Shh — fez ela, sem olhar para mim.

— Disfagia — disse, me aproximando dela. — É o termo para quando a comida fica presa na garganta mas a gente não engasga.

Emilie tentou segurar uma risada e acabou soltando um barulho esquisito. Ela olhou para mim.

— Qual é o seu problema?

Dei de ombros.

— Não tenho nenhum problema.

— Você nunca fala comigo, mas agora está pesquisando sobre o problema estranho de saúde que tive ano passado. — Ela semicerrou os olhos emoldurados por longos cílios. — Qual é a sua?

— Só queria que você soubesse que eu dei uma olhada, e isso existe mesmo — expliquei, rindo daquele olhar desconfiado.

— Eu sei que existe... Aconteceu *comigo!*

— Emilie? — chamou o sr. Bong, suspirando.

Ela tinha acabado de gritar no meio da aula. O rosto de Emilie adquiriu aquele lindo tom rosado que estava me conquistando tão rápido.

— Foi mal — sussurrou ela.

Pressionei os lábios para segurar uma risada. Então Emilie olhou para mim.

Ela balançou a cabeça e tentou fazer uma cara amarrada. Com muito afinco.

Mas seus lábios com brilho de baunilha se curvaram só um pouquinho, em um sorriso relutante.

A sensação era de vitória.

## CONFISSÃO N° 4

---

*No terceiro ano do ensino fundamental, um professor chamou minha atenção por estar “feliz demais”. Eu não parava de rir e ele ficou tão irritado que ligou para minha mãe.*

Olhei para o lado e tive a sensação de que o universo estava aprontando uma comigo.

Porque bem ali no corredor, no caminho até o estacionamento, estavam Chris Bray e Emilie Hornby.

Aquela era... a *quarta* vez que eu a encontrava naquele dia.

O corredor estava barulhento, mas ouvi Chris dizer que eles teriam que ir andando para casa. Emilie respondeu, com uma voz triste e deprimente:

— *Aff.* Que dia!

*Não faça isso. Não faça isso, seu manteiga derretida.*

— Vocês precisam de uma carona? — perguntei.

*Já era, bobão.*

Os dois se viraram e a diferença em suas expressões foi quase cômica. Chris sorriu para mim como se eu fosse o Papai Noel, e Emilie ergueu as sobrancelhas como se eu tivesse acabado de me oferecer para matá-la.

— Sério? — perguntou Chris.

— Aham — respondi, dando de ombros.

Eu não estava com pressa de ir para casa. Assim que eu chegasse, meus pais e eu nos esforçaríamos muito para fingir que não estávamos pensando no Eric durante o jantar e enquanto assistíamos um pouco de TV. Na verdade, os três ficariam contando os minutos para correr para o quarto e sofrer em segredo.

— Vocês já estão indo ou...?

— Tenho que fazer uma coisa antes... — interrompeu Emilie, lançando um olhar intenso para Chris, como se quisesse lembrá-lo de alguma coisa. —

Preciso, é, hum, levar uma coisa até a sala de reunião do corredor norte rapinho.

O garoto semicerrou os olhos. Dava para ver que ele não estava a fim de acompanhá-la para fazer seja lá o que fosse.

— Quero ir para casa, Emmie — avisou Chris.

*Emmie.*

— Só preciso encontrar o Josh — disse ela, levantando o dedo como quem pede um segundo. — Vai ser bem rápido.

Emilie se virou e saiu correndo pelo corredor. Olhei para Chris e fomos atrás dela.

A garota olhou por cima do ombro e franziu o cenho.

— Vocês não precisam vir comigo — avisou ela. — Posso encontrar vocês no carro.

— Não... queremos ir junto — respondi, olhando bem em seus olhos.

Emilie soltou um suspiro profundo.

— Você não pode ir até a casa dele depois? — perguntou Chris, choramingando atrás de mim. — Como uma pessoa normal faz no Dia dos Namorados?

— Preciso entregar o presente antes de ir embora — insistiu Emilie.

Ela parou na frente da porta da sala de reunião. Havia uma plaquinha do clube de Simulação de Juri colado no metal verde.

— Vai ser só um minutinho — garantiu ela, abrindo a porta e enfiando a cabeça pela fresta. — Josh! Psiu, Josh! — sussurrou ela, meio que gritando.

*No que essa garota está pensando?*

Consegui dar uma espiadinha na sala e vi algumas pessoas lá dentro.

— Joshua, sua namorada está chamando — gritou Owen Collins, um puxa-saco idiota que era amigo dele.

Todo mundo se virou para Emilie.

— Que romântico — murmurei, me perguntando por que alguém tão inteligente como ela estava agindo de forma tão desesperada por *aquela* cara.

Josh veio até a porta, parecendo muito confuso.

— Oi, Emmie. O que foi?

Ela estendeu uma caixa embrulhada.

— Eu, é... trouxe seu presente. Pensei em trocarmos presentes rapidinho antes de ir embora.

— Não estou com seu presente — avisou ele.

Fiquei irritado por Josh não demonstrar nenhuma gentileza. Nenhuma. Por mais que estivesse agindo como uma doida, ainda era a *Emilie*.

A garota que lia por diversão, fazia aulas extracurriculares voluntariamente, mandava mensagem para a avó no laboratório de Química e gargalhava como uma criança quando seus amigos a atacavam com bolas de neve no estacionamento. (Na semana anterior, eu estava estacionado a uma fileira de distância quando eles travaram uma guerra.)

Que cantarolava enquanto escutava Taylor Swift nos fones de ouvido e lia algum livro, esperando o sinal tocar. Caramba, ela era... *tudo*, e ele parecia desejar que a namorada desaparecesse.

Que *idiota*.

— E preciso ir — acrescentou Josh, com desdém.

— Mas você não vai trabalhar depois daqui? — insistiu Emilie, colocando o cabelo atrás da orelha. — Queria muito entregar seu presente *hoje*.

— Que desespero — murmurou Chris.

Emilie chutou a canela do amigo, sem desviar a atenção de Josh.

Era evidente que ela tinha algum objetivo com o namorado e queria alcançá-lo o mais rápido possível. A insistência, apesar de tudo dar errado, era a cara dela. Senti que aquele seria seu fim.

— Escuta, Emmie... — começou Josh. Dava para ver que estava irritado. — Não sei o que está acontecendo, mas falo com você depois. *Preciso ir*.

— Beleza — concordou Emilie, desanimada.

Então ela abriu a boca e, de algum jeito, eu soube qual era o objetivo e o que ela estava prestes a dizer.

— Bem — continuou Emilie —, é, eu só queria te dizer que eu amo...

— Frango — interrompi, abrindo a porta.

Emilie cambaleou para trás e eu me enfiei ao seu lado, meu quadril empurrando o dela.

— Ela ama frango — continuei — e achou que você, o namorado dela, devia saber.

Josh fez uma cara feia, olhando de mim para Emilie e para mim de novo.

— Quem é você, afinal? — perguntou ele.

— Sou o Nick, lembra? — respondi, abrindo um sorriso.

Josh parecia querer me estrangular.

— Eu não amo *frango* — declarou Emilie, me empurrando com toda a sua força. — Eu amo...

— Olha só, eu preciso ir, Emmie — interrompeu Josh, com frieza. — Conversamos depois.

Josh saiu da sala, fazendo a porta bater. Olhei para Emilie, mas ela não parecia tão constrangida quanto eu esperava. Nem triste. Emilie parecia... estar repensando alguma coisa.

— Olha, depois dessa humilhação... Não consigo decidir se quero abraçar você ou dar um chute na sua bunda — disse Chris.

— Por favor, o chute na bunda — pediu ela, indo até Chris para abraçá-lo.

O amigo a envolveu em seus braços e ela enfiou o rosto em seu moletom.

Eu fiquei com tanta inveja que senti um nó na garganta. Não estava com *ciúme*, apenas inveja. Porque Chris e Emilie tinham um ao outro. E eu tinha inveja de como foi natural para Emilie contar com ele, e para ele consolá-la.

Inveja daquela intimidade.

E senti que estava me intrometendo.

Quando fomos até a caminhonete, Chris me explicou o trajeto até a casa deles. Era surreal pensar que Emilie tinha batido no meu carro naquela manhã. Parecia que tudo havia mudado, mas só tinham se passado seis horas.

— Tudo bem, Emmie? — perguntou Chris no banco do meio, colocando o cinto de segurança.

— É que eu queria *muito* que tivéssemos um momento único no Dia dos Namorados — respondeu ela.

— Eu diria que consegui — comentei baixinho, colocando a caminhonete em primeira marcha e saindo da vaga.

— Cala a boca — retrucou ela.

*Sim, tudo mudou mesmo, pensei. Ela não é mais a garota educada que fingiu gostar de Metallica.*

— Não vou dizer nada de ruim sobre o Joshua porque respeito que você gosta dele. Mas não acha que ele foi meio... babaca? — questionou Chris, pegando na mão dela. — Quer dizer, eu entendo, você estava meio... estranha. Mas ele foi um ridículo.

Senti o olhar de Emilie em mim, e ela murmurou:

— Que tal a gente conversar sobre isso depois?

— Ah, por favor, Emmie. Depois de presenciar aquela terrível e malsucedida declaração de amor, eu diria que ele pode ouvir esta conversa — rebateu Chris.

Isso me fez sorrir.

— Falou com o Alex hoje? — perguntou ela, mudando completamente de assunto.

Chris começou a tagarelar sobre o garoto de quem gostava, e aquela inveja voltou. Eu meio que queria ser amigo deles.

*Aff, eu pareço uma criancinha patética.*

Eles falaram sobre Alex durante todo o caminho até a casa do Chris. Então, depois de descer, ele se demorou à janela da Emilie. Tentei não ficar ouvindo a conversa dos dois, mas quis dar um toca-aqui em Chris quando o ouvi dizer que Emilie estava enganada e que não amava Josh.

*Isso, Chris!*

Mas Emilie insistiu que o amava, *sim*, embora ele fosse um babaca traidor que a tratava muito mal.

Como ela podia achar que amava aquele cara?

Eu sabia que não era da minha conta, mas não consegui me conter.

— Sabe que não o ama, né? — perguntei, dando a ré na caminhonete e me afastando da casa do Chris.

Senti seu olhar em mim.

— O quê? Como *você* saberia disso?

— Como você *não* saberia? — perguntei, irritado com Emilie só de pensar que ela talvez amasse aquele cara.

— Não vou conversar sobre isso com você — declarou ela, cruzando os braços.

— Bem, você devia falar com *alguém* — respondi, olhando para ela de soslaio. — Vai dizer que o ama, mas há algumas horas estava escondida para ver se ele não estava te traindo.

— Não era isso que eu estava fazendo...

— Era, sim.

— Não era — retrucou Emilie, na defensiva, olhando para mim como se eu fosse um lunático. — Eu estava só esperando por ele.

Estacionei em frente à casa dela e coloquei a caminhonete em ponto-morto. Eu me virei para Emilie. Queria que ela me ouvisse, estava desesperado para convencê-la a não amar o Josh.

— Mesmo que isso fosse verdade, e nós dois sabemos que não é, o clima entre você e seu “namorado” é estranho e educado. Tenso e esquisito. Fala sério, isso não é amor — argumentei.

Os olhos dela percorreram meu rosto, e senti um aperto no peito quando Emilie perguntou:

— E por que você se importa?

A pergunta pairou no ar, e tive a impressão de que ela *sabia*.

Aqueles olhos verdes enormes estavam fixos em mim, e senti que ela enxergava tudo.

*Eu me importo porque você merece coisa melhor.*

*Porque penso em você o tempo todo.*

*Porque me sinto ferido só de pensar em você dizendo aquelas três palavras para ele.*

Pigarreei, dando de ombros.

— Eu não me importo.

Ela pegou a mochila e colocou a mão na maçaneta do carro.

— Ótimo. Bem, obrigada pela carona.

— Quando precisar — respondi, engolindo em seco e sentindo o aroma de seu perfume.

# CONFISSÃO N° 5

---

*Consegui uma bolsa integral para a Universidade de Stanford, mas não tenho coragem de contar aos meus pais.*

## DIA DOS NAMORADOS

*Esse foi o sonho mais estranho que eu já tive.*

Ainda eram cinco da manhã e eu só tinha que levantar às sete. Fiquei deitado na cama, olhando para o ventilador de teto e pensando nos acontecimentos do sonho. Em geral, eu só guardava memórias vagas de imagens borradas, pequenos fragmentos dos quais eu *meio que* lembrava (como os sonhos em que Emilie Hornby batia na traseira da Betty). Mas o sonho da noite anterior tinha sido diferente.

Porque eu me lembrava de tudo.

De cada detalhe.

Como se tivesse acontecido de verdade.

Emilie Hornby, usando um vestido preto xadrez e botas, batia no meu carro. *Só estava sendo educada... Já ouviu falar?*

Eu matava aula para ir comprar café na Starbucks com ela e seu namorado naquele carro idiota. *Me ajuda, por favor.*

Eu a fazia rir na aula do sr. Bong ao mencionar a disfagia. *Qual é a sua?*

Arruinava sua tentativa de declaração de amor. *Eu não amo frango.*

Levava-a para casa depois da escola. *E por que você se importa?*

Eric me dizia que sabia exatamente como fazer Emilie se apaixonar por mim. *Dê o casaco a ela.*

Foi o sonho mais vívido da minha vida, e eu estava triste por ter acordado.

Não que tivesse sido tão bom assim — eu não tinha trazido Eric de volta nem beijado Emilie, e sequer a convenci de que seu namorado era um idiota.

Mas considerando que era um sonho, foi bem realista.

Eu estive com eles *de verdade*. Senti profundamente, intimamente, a presença dos dois em cada molécula do meu corpo. Poderia até ter contado as sardas do nariz da Emilie e ouvido a voz rouca do Eric. Ambos estiveram *comigo*, e eu já estava morrendo de saudade.

Virei de bruços e coloquei o travesseiro em cima da cabeça, fechando bem os olhos. Nunca dava certo, mas eu ia fazer de tudo para pegar no sono e voltar àquele sonho.

Porque tudo o que eu queria era passar mais algumas horas com Eric e Emilie Hornby, sem nenhuma consequência na vida real.

Não era pedir muito, era?

## SOBRE A AUTORA



© Jackson Okun

LYNN PAINTER é autora best-seller de comédias românticas para leitores jovens e adultos. Ela mora com o marido e os filhos em Nebraska, nos Estados Unidos, e tem uma coluna no jornal *Omaha World-Herald*, em que fala sobre família e comportamento parental, apesar de ser o oposto de uma mãe exemplar. Quando não está atrás das crianças, Lynn gosta de ler, escrever, beber energético e assistir a filmes de comédia romântica. É autora de *Melhor do que nos filmes* e *Amor por engano*, também publicados pela Intrínseca.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Mil vezes amor: Dia dos namorados Nº 3"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).